

MATERIALISMO DIALÉTICO COMO MÉTODO DE PESQUISA: Uma Reflexão a Partir da Teoria de Henri Wallon

Leandro Batista da Silva¹
Fernando Riegel²

RESUMO

A dicotomia entre ciências humanas e ciências “duras” no processo de construção do conhecimento tem sido tema de discussão constante na academia. Essa dicotomia, por vezes, tensiona o pesquisador a um exaustivo rigor quanto ao método utilizado. Partindo dessa premissa, esta revisão teórica busca apresentar um breve percurso histórico da hermenêutica e dos possíveis pontos de contatos que podem ser estabelecidos entre o procedimento hermenêutico e o materialismo dialético, utilizando-se do referencial teórico da psicogenética em Henri Wallon, a fim de debater sobre o valor do materialismo dialético como base filosófica privilegiada para a pesquisa quando se busca produzir conhecimento a partir da compreensão da linguagem e do próprio desenvolvimento da pessoa. Além disso, tendo por base as contribuições de Žižek, esta reflexão também visa a demonstrar a atualidade do materialismo dialético e do marxismo como bases filosóficas na construção do conhecimento, ainda que setores conservadores tentem desqualificar essa opção metodológica apenas por visões políticas por vezes autoritárias.

Palavras-chave: Materialismo dialético; Wallon; hermenêutica.

DIALECTIC MATERIALISM AS A RESEARCH METHOD: A REFLECTION FROM THE THEORY OF HENRI WALLON

ABSTRACT

The dichotomy between human sciences and “hard” sciences in the process of building knowledge has been the subject of constant discussion in academia. This dichotomy sometimes tends the researcher to an exhaustive rigor as to the method used. Based on this premise, this theoretical review seeks to present a brief historical path of hermeneutics and the possible points of contact that can be established between the hermeneutic procedure and dialectical materialism, using the theoretical framework of psychogenetics in Henri Wallon, in order to debate on the value of dialectical materialism as a privileged philosophical basis for research when it seeks to produce knowledge from the understanding of language and the person’s own development. In addition, based on Žižek’s contributions, this reflection also aims to demonstrate the relevance of dialectical materialism and Marxism as philosophical bases in the construction of knowledge, even though conservative sectors try to disqualify this methodological option only by political views that are sometimes authoritarian.

Keywords: Dialectical materialism; Wallon; hermeneutics.

RECEBIDO EM: 27/3/2020

ACEITO EM: 23/9/2020

¹ Autor correspondente. Colégio Militar de Porto Alegre. Avenida José Bonifácio, 363 – Farroupilha. Porto Alegre/RS, Brasil. CEP 90040-130. <http://lattes.cnpq.br/7045913931438441>. leandroletras@gmail.com

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Escola de Enfermagem, Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica. Porto Alegre/RS, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/5938025272690635>. <https://orcid.org/0000-0002-3688-419X>. <https://orcid.org/0000-0002-4856-6762>.

INTRODUÇÃO

Conhecer, antes de tudo, é ação que encaminha para a liberdade. O indivíduo, ao buscar conhecimento, tem em suas mãos a chance de se libertar das amarras propostas pelos discursos socialmente estruturados e, por vezes, pouco questionados. Na prática da pesquisa científica este deve ser o papel do pesquisador: buscar o conhecimento para proporcionar a liberdade.

Ao se realizar uma breve análise retrospectiva da história da Ciência, percebe-se que muito se construiu, em termos teóricos, a fim de que os pesquisadores, na atualidade, possam embasar-se conceitualmente para realizarem sua práxis. Em razão disso, é muito salutar que o pesquisador tenha a exata noção do que é “Ciência” e do que é “conhecimento” para que possa se posicionar diante de uma prática de pesquisa.

Esse posicionamento, no entanto, também traz à tona o antigo e profícuo debate entre as chamadas “Ciências Duras” e as “Ciências Humanas” sobre o que, de fato, seja Ciência; dentro das próprias ciências ditas “humanas” são muito frequentes as divergências entre o que seja o fazer científico e o conhecimento que esse fazer busca desvelar. Nessa perspectiva, a Filosofia da Ciência assume papel importantíssimo para que o sujeito possa encontrar as bases teóricas que mais bem representarão sua ancoragem epistemológica na busca pelo conhecimento.

O ato de filosofar vincula-se, diretamente, ao desejo humano de buscar explicações para aquilo que cerca o indivíduo, valendo-se do conhecimento. Produzir conhecimento, dessa maneira, é “fazer” filosofia; e, para produzir esse conhecimento, o sujeito se vale da Ciência – não a “Ciência” compreendida pelo senso-comum, mas, sim, a Ciência na perspectiva do conhecimento acadêmico, que produzirá cultura acadêmica e de interesse social. Essa íntima relação entre Filosofia e Ciência tem seu equivalente “material” na relação sujeito/objeto de pesquisa. Do mesmo modo que produzir conhecimento científico é produzir Filosofia, o sujeito se reproduz no objeto à medida que este se revela naquele.

Essa análise demonstra, pois, a razão da eterna celeuma entre as ditas Ciências “Duras” e as Ciências Humanas: estas consideram o conhecer uma atividade profundamente atravessada pela subjetividade, o que leva à percepção de que o sujeito se organiza a fim de assimilar a essência dos objetos que se lhe apresentam; é nessa apropriação que se revela o conhecimento. Quando se pesquisam temáticas ligadas ao desenvolvimento humano, verifica-se que não se pode desconsiderar, na compreensão da pessoa, os aspectos históricos, sociais e culturais que, dialeticamente, se tensionam na constituição de sua totalidade, como já declarava Henri Wallon ao discorrer sobre os objetivos e os métodos da Psicologia, com ênfase na relação entre esta e o materialismo dialético:

O materialismo dialético interessa a todos os domínios do conhecimento, tal como interessa ao domínio da acção. Mas a psicologia, principal fonte de ilusões antropomórficas e metafísicas, devia, com mais relevo que qualquer outra ciência, encontrar nele a sua base e a sua direcção normais³ (WALLON, [1951] 1973, p. 67).

³ Optamos por manter, em todas as citações diretas dessa obra, a grafia em acordo com a variedade lisboeta da Língua Portuguesa, conforme original do livro citado.

Percebe-se, portanto, que, ainda que se deva guardar do objeto a ser pesquisado a devida distância, o verdadeiro conhecimento, em uma perspectiva mais subjetiva de análise, só surge da interação entre os dois elementos, uma interação que é histórica, social, cultural, e, portanto, dialética (WALLON, [1951] 1973).

Nessa perspectiva, faz-se fundamental, antes de se pretender a pesquisa em Ciências Humanas, com foco em teorias do desenvolvimento humano, como a de Henri Wallon, que se reflita sobre o debate que foi construído filosoficamente ao longo do tempo sobre conhecimento e sobre Ciência. O pesquisador de qualquer área das Ciências Humanas não pode perder de vista que, para que o conhecimento se produza de modo efetivo, uma pesquisa deve ser realizada em razão do interesse pelo pensar. Uma boa pesquisa somente se verterá em conhecimento quando se adotar uma postura reflexiva diante dos conceitos que estão sendo pesquisados ou quando se aplicar a esses conceitos o verdadeiro espírito de filosofar, a fim de que se possa produzir alguma inovação acerca do que se pesquisa. Eis a essência da verdadeira Filosofia da Ciência.

Nesse sentido, busca-se refletir neste texto acerca de um recorte sobre o materialismo dialético como método em Ciências Humanas, com ênfase na linguagem – base da interação do indivíduo com seu meio social, cultural, histórico e político, e sobre como esse percurso de interação relaciona-se com a interface entre materialismo histórico e dialético e procedimento hermenêutico, a partir de uma breve análise da teoria psicogenética proposta por Wallon.

A BUSCA PELO MÉTODO EM CIÊNCIAS HUMANAS: O Lugar da Linguagem

Wallon, ao discorrer sobre a relação entre a psicologia e o materialismo dialético, defende que a linguagem, na atividade humana, é um poderoso instrumento de organização do mundo das representações, o qual, por meio dela, edifica-se em sistemas estáveis e lógicos (WALLON, [1951] 1973). Verifica-se, do pressuposto walloniano, que a linguagem é um objeto rico de pesquisa, uma vez que, por meio, dela, há uma manifestação da pessoa como ser concreto e que tem a capacidade de modificar (e de ser modificado por) o meio em que está inserido. Não por acaso, nas Ciências Humanas a linguagem e a pessoa são fontes privilegiadas de análise.

Ao se escrever sobre conhecimento em Ciências Humanas, tendo como base a linguagem – e, por extensão, as pessoas que a produzem – não se pode perder de vista as contribuições advindas da *hermenêutica*. A hermenêutica, em sua gênese, visa a ser uma filosofia da teoria da interpretação. No início do século 19, Schleiermacher ([1829] 2010) propõe uma reformulação da hermenêutica, conferindo a ela o *status* de método filosófico.

Schleiermacher concentrou seus estudos na reflexão de se pensar conjuntamente o realismo e o idealismo, ou seja, aquilo que é universal em conjunto com o que é particular. Dessa forma, propunha que cada indivíduo é uma manifestação do viver total, trazendo em si um mínimo do todo ([1829] 2010).

Nessa perspectiva, Schleiermacher busca a compreensão no problema da individualidade e, desse modo, a hermenêutica passa a ter uma tarefa universal, como afirma Gadamer (2007).

Na junção do universal com o particular, Schleiermacher defende que pensamento e linguagem são inseparáveis, estabelecendo uma relação complementar e, portanto, sendo a própria linguagem uma fonte da relatividade (BRAIDA [1995] 2010). É dessa perspectiva que surge a noção de linguagem como fonte de pressuposição constante.

A partir de Dilthey ([1883] 2010), o procedimento hermenêutico alcança o *status* de metodologia em Ciências Humanas. É a partir dele também que se assume a visão de que a história, os valores e a cultura – conhecimentos essencialmente manifestados no plano da linguagem – devem ser compreendidos (e não explicados, como se dá nas Ciências Naturais). É a partir de Dilthey que se formula a dualidade entre “ciências da natureza” e as ditas “ciências do espírito” ([1883] 2010), discussão que, contemporaneamente, também se concentra na dualidade entre pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa.

A pesquisa qualitativa, por seu caráter mais interpretativo, aparece, portanto, como forma privilegiada de se produzir conhecimento em Ciências Humanas, uma vez que permite a investigação a partir de processos de cunho muito subjetivo, como narrativa de memórias e percepções, por exemplo. Por meio da pesquisa qualitativa, a fala individual passa a ser um rico material de investigação que permite analisar como cada pessoa se comporta diante do objeto de pesquisa. Nesse sentido, esse tipo de pesquisa mostra-se campo fértil para o procedimento hermenêutico

A hermenêutica, como epistemologia que quer buscar a compreensão de algo, tem a devida noção de que uma compreensão não pode ser considerada absoluta, haja vista ser relativizada pela cultura. A cultura é a fonte privilegiada para se traduzir as reais condições psíquicas e históricas do homem no tempo (DILTHEY, [1883] 2010). Em razão disso, essa epistemologia encontrou *locus* privilegiado nas Ciências Humanas, uma vez que auxilia nessa compreensão dos aspectos subjetivos, determinados histórica e culturalmente. Com isso, entrou em conflito direto com a epistemologia cartesiana, claramente vinculada às ciências naturais e exatas.

Dilthey defende que as Ciências Naturais não poderiam servir de modelo para as Ciências Humanas (ou do espírito), tendo em vista que estas as antecedem. A hermenêutica, portanto, seria a metodologia das Ciências Humanas. Defende ainda, dessa feita, a diferença entre explicação e compreensão, base de seu debate hermenêutico e de diferenciação entre as Ciências Naturais e as Ciências do Espírito. De acordo com ele, os eventos naturais devem ser explicados; mas os eventos históricos, sociais e os valores da cultura devem ser compreendidos.

Gadamer (2007) busca refazer o percurso que Dilthey estabeleceu para a hermenêutica como ciência humana. Para isso, propõe-se a explicitar um novo modo de compreender a razão e a existência humanas, tendo como norte a experiência concreta dos homens e sua finitude (BRITO, 2005). Na perspectiva de Gadamer, a hermenêutica deve ter como meta a liberação da verdade.

Apesar das divergências teóricas acerca do papel da hermenêutica – e de sua relação com as Ciências Humanas – não se pode perder de vista ser ela um dos pilares que sustentam a metodologia de pesquisa nas Ciências Humanas. Ao fornecer subsídios

teóricos para a compreensão dos discursos, sejam de que natureza forem, a hermenêutica possibilita a compreensão da realidade e das condições histórico-sociais em que um sujeito e sua produção se inserem.

Dessa forma, ao se ter como material de análise a linguagem produzida pela pessoa em seu *locus* e em seu processo de desenvolvimento, como o fez Wallon em sua teoria da pessoa concreta, há a possibilidade da compreensão do indivíduo em seu meio. Se a linguagem, como defende o procedimento hermenêutico, deve ser compreendida, tal compreensão não pode desconsiderar os fatores históricos, sociais e culturais que possibilitaram à pessoa a produção de sua linguagem. É nessa interface que o materialismo histórico e dialético traz contribuições teóricas significativas para o processo de pesquisa em Ciências Humanas.

O MATERIALISMO HISTÓRICO E DIALÉTICO COMO MÉTODO NA PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS: Uma Análise a Partir da Psicogênese da Pessoa Concreta de Henri Wallon

O materialismo dialético insere-se na lógica dialética, a qual, em contraposição à lógica tradicional, compreende que a natureza é um processo; trata-se de um modelo que compreende o real de forma contraditória. Nessa perspectiva, conforme Kosik (2010), tudo é fruto de uma luta constante entre ideias e forças, que, ao se oporem, geram a realidade concreta. Essa realidade concreta, por sua vez, converte-se em tese, que origina um novo ciclo de contraditórios em busca de uma síntese, que produzirá novo ciclo, infinito.

Nessa perspectiva, o mundo, na lógica dialética, evolui justamente porque existe um embate entre forças e ideias que, ao se contradizerem, levam esse mundo a um movimento crescente e, portanto, a um processo evolutivo; é da passagem da tese à síntese, por meio da antítese, que o homem e o conhecimento têm a chance de se ampliarem, virem a se transformar em algo novo, ainda que, na essência, conservem o momento da identidade. Para a dialética, o momento do *não ser* é um processo dinâmico; trata-se de uma passagem a uma nova realidade, transformada.

Hegel é o precursor da dialética em contraposição à lógica tradicional, mas, por sua postura idealista, acreditava na primazia do pensamento sobre a realidade; para ele, a realidade seria uma manifestação do pensamento, desconsiderando-se, portanto, o mundo material como o campo privilegiado para a manifestação da contradição e, portanto, da evolução do conhecimento.

O materialismo dialético, nas figuras de Marx e Engels, surge como uma negação ao idealismo hegeliano como forma de se buscar uma síntese para esse processo. Engels é categórico ao afirmar que ele e Marx foram responsáveis pela salvação da dialética consciente em relação à filosofia idealista alemã (MARX; ENGELS, [1933] 2008). É no mundo material que, historicamente, ocorrem as mudanças advindas do embate de contradições entre a tese e a antítese; é nesse contexto que o materialismo dialético possibilita a aplicação de seus princípios para o estudo e a compreensão da vida social e das relações que ocorrem na sociedade por meio do materialismo histórico.

O materialismo marxista surge da necessidade de se explicar como o pensamento organiza-se para a obtenção da verdade em um processo de movimento contínuo. Marx e Engels ([1933] 2008) defendem, ainda, que “Toda historiografia deve partir dessas bases naturais e de sua transformação pela ação dos homens, no curso da história” (p. 10). Ou seja: o movimento contínuo em busca da verdade leva o homem a transformar a si, a seu meio e, por consequência, a ressignificar, continuamente, a história que está sendo construída.

Observa-se, pois, que o materialismo dialético atribui valor fundamental ao processo histórico, pois é a partir do componente histórico que será possível a análise e a apreensão das contradições que permitirão a evolução do conhecimento; sendo assim, o entendimento de como os homens produzem suas ideias surge a partir da análise de como se relacionam histórica e socialmente entre si e com o meio em que estão inseridos. Em razão disso, as leis do pensamento são as mesmas leis da matéria. A esse respeito, Teixeira (2006, p. 19) afirma que

A compreensão das relações entre as categorias do lógico e do histórico é fundamental para o materialismo dialético. O histórico diz respeito ao processo de mudanças do objeto, desde seu surgimento até seu estado mais desenvolvido. O lógico é o processo através do qual o pensamento realiza a tarefa de desvelar o processo de desenvolvimento do objeto. Assim, o histórico atua como objeto para o pensamento que, por sua vez, o reflete de forma teórica, reproduzindo a essência do objeto e a história de seu desenvolvimento de forma abstrata.

Na atualidade, em razão do declínio como corrente política, por muitas vezes questiona-se o valor do materialismo dialético como método a referendar o fazer em Ciência. A esse questionamento, as posições de Žižek mostram que, na verdade, essa filosofia cumpre um papel “paralático” diante dos desafios contemporâneos. A esse respeito, o autor afirma que

[...] a crise do marxismo não se deve apenas às derrotas sociopolíticas dos movimentos marxistas; no nível teórico inerente, a crise pode (e deve) ser classificada também pelo declínio (e até pelo desaparecimento, na prática) do materialismo dialético como base filosófica do marxismo [...] (ŽIŽEK, 2011, p. 15-16).

Partindo dessa premissa, Žižek defende a ideia de que o materialismo dialético é o único movimento capaz de possibilitar uma análise crítica da proposta marxista; essa análise, por sua vez, deve ser realizada em *paralaxe*, uma espécie de fenômeno que seria próprio da racionalidade filosófica ocidental. Essa visão em *paralaxe* seria “o deslocamento aparente de um objeto causado pela mudança de posição do seu observador. Esta mudança de posição traz ao observador outras possibilidades de interpretação do mesmo fenômeno, uma vez que se apresenta como uma visão renovada” (BAZZANELLA, 2009, p. 21). Por meio dessa visão renovada é possível uma análise da realidade a partir de um devir, uma dicotomia entre “não ser” e “vir a ser”.

Observa-se, assim, que o materialismo dialético ainda cumpre um papel filosófico de peso na estrutura do pensamento ocidental. O que se deve ter em mente, na atualidade, é a necessidade de se compreender a luta dos contrários (pressuposto básico do materialismo dialético) não por uma noção de polaridade, mas, sim, na perspectiva de tensão, de lacuna entre esses elementos (ŽIŽEK, 2011).

Tendo a ação do homem sobre o meio, sobre a cultura, sobre o momento histórico em que está inserido, na luta constante entre ideias e forças, que, ao se oporem, geram a realidade concreta (KOSIK, 2010), o materialismo dialético e histórico é extremamente válido como base filosófica para a pesquisa em Ciências Humanas a partir do foco de análise e de compreensão da pessoa em seu processo de desenvolvimento humano, e, também, desde a compreensão de sua linguagem, de acordo com o procedimento hermenêutico. É nessa interface que a reflexão sobre uma teoria de desenvolvimento humano que tenha em suas bases o materialismo dialético, como a de Henri Wallon, demonstra a atualidade dessa filosofia como base metodológica para a pesquisa.

Wallon, em seus estudos, sempre demonstrou uma forte preocupação em desenvolver uma teoria que se ocupasse da psicogênese da pessoa em todas as suas particularidades. Em virtude disso, e por influência do materialismo dialético, buscava realizar o estudo da pessoa em interação com seu meio, demonstrando que os mecanismos do desenvolvimento do aspecto psicológico do indivíduo ocorrem a partir de sua experiência enquanto sujeito histórico e culturalmente determinado.

Nessa direção, deve-se destacar a postura de Wallon, quando assume o materialismo dialético como base filosófica para seus estudos em Psicologia:

Estas filiações e estas oposições estão ainda perfeitamente de acordo com as leis da dialética marxista. É ela que dá à psicologia o seu equilíbrio e a sua significação [...] É ela que lhe permite considerar numa mesma unidade o ser e o seu meio, as suas perpétuas interações recíprocas. É ela que lhe explica os conflitos dos quais o indivíduo deve tirar a sua conduta e clarificar a sua personalidade ([1951] 1973, p. 67).

Wallon, em sua teoria do desenvolvimento, entende a interação entre a pessoa e o ambiente como a oposição a buscar o surgimento de uma síntese. A própria pessoa, em seu constante devir, na oposição entre o que tem de conquistas de seu desenvolvimento e o que pode vir a ser, tem no seu desenvolvimento a constante busca por uma síntese entre uma tese e uma antítese encerradas em sua própria constituição.

Wallon, ao abordar a importância da palavra para as atividades humanas, delimita, de forma bem específica, a não necessidade de uma visão polarizada entre os contrários na perspectiva dialética: “A palavra foi, na actividade humana, o instrumento duma conversão que a fez passar, por etapas, de acção puramente muscular à actividade teórica, o que supõe um novo ordenamento das operações cerebrais. Mas não houve supressão duma pela outra” (WALLON, [1951] 1973, p. 66).

Wallon defende que a Psicologia, por ter um caráter híbrido, dividido entre a Biologia e as Ciências Humanas, comumente é apontada como tendo valor científico menor; no entanto, justamente por poder unir dois domínios do conhecimento que a lógica tradicional mantém opostos, é que ela se revela totalmente dialética.

Reconhecendo a linguagem como material privilegiado da educação e da psicologia, Wallon ([1951] 1973) afirma que esse conceito foi instrumento fundamental para a transmutação da fala de atividade puramente muscular para um processo cognitivo que exigiria uma organização cerebral particular. Ou seja, a linguagem, dialeticamente, sai de uma posição estritamente biológica para assumir um caráter social, interacionista, sem, contudo, que o caráter biológico deixe de existir.

Na linguagem, portanto, coexistem o caráter biológico e social em um processo de “ser” e “não ser” para “vir a ser”. A partir do momento em que se concebe a própria linguagem como um processo de busca de síntese, conclui-se que a pessoa, ao fazer uso da linguagem, encerra em si a dialética do “ser” e do “não ser” em busca do “vir a ser”.

Sobre esse aspecto, o próprio Wallon assevera que “Com o auxílio da linguagem, o mundo das representações pôde organizar-se e edificar-se em sistemas estáveis, coerentes e lógicos” (WALLON [1951] 1973, p. 66). É a partir do uso da linguagem para a internalização dos bens da cultura que a pessoa passa a construir sua dinâmica de consciência. Observe-se que, nessa perspectiva, a mediação, a partir da linguagem, será fundamental para que se apreenda a pessoa em seus aspectos mais sutis, uma vez que a linguagem e a sensibilidade da pessoa estão em estreito processo relacional (WALLON [1942], 2008).

A análise do materialismo dialético na teoria walloniana é apenas uma entre as várias possibilidades de reflexão que se pode fazer, com vistas a se reafirmar o valor do materialismo histórico e dialético como base filosófica e como método de variadas teorias. Toda teoria que tenha a linguagem e a pessoa como foco de compreensão, mesmo que em um procedimento hermenêutico, não pode desconsiderar que o indivíduo é uma pessoa social, cultural e historicamente determinada, portanto dialética em sua própria constituição emocional e afetiva de ser completo, total (WALLON, [1941] 2007).

É fundamental, no entanto, que, ao se realizar estudos teóricos que tenham como dados de análise a linguagem e o desenvolvimento das pessoas, não se perca de vista que essas pessoas estão histórica e culturalmente estabelecidas, forjadas na interação com o outro, com a cultura, com o tempo, com o meio em que se inserem, em uma postura dialética. É com essa percepção que o procedimento hermenêutico de compreensão dessas linguagens poderá se manifestar de maneira dialética, capaz de, por meio da análise de suas contradições, possibilitar a compreensão da própria realidade concreta em um ciclo infinito de novas teses, que entrarão em embate com novas antíteses, a fim de gerar infinitas sínteses e a realidade concreta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora, em sua gênese, a dialética tenha surgido em um contexto puramente sociológico, Wallon demonstrou com clareza a possibilidade de abordagem dialética de sua teoria psicogenética. Ainda que muitos tentem fadar o materialismo dialético a uma espécie de ostracismo, em razão da crise política vivida pelas ideologias socialistas, Marx mostra-se plenamente atual como base filosófica. Pela natureza dialética, contraditória do próprio indivíduo, a sociedade também revela-se dialética; por isso, não se pode negar o valor do materialismo dialético na análise dos fatos sociais e da constituição da pessoa em si.

Nesse sentido, a proposta de análise em paralaxe, defendida por Žižek (2011), re-dimensiona o *locus* a ser ocupado pela dialética na pesquisa científica, especialmente em Ciências Humanas. Ao se obter a própria pessoa, suas interações sociais, sua linguagem como objeto de análise, abre-se espaço para a necessidade de se analisar essa pessoa na instância de sua concretude, de suas contradições e de seu devir: é nessa perspectiva que o fazer científico se ancora no aspecto psicogenético que compõe a

pessoa como um ser concreto, haja vista não ser apenas da ordem do social e do histórico a constituição dos indivíduos, como também da ordem do biológico e do psicológico, representacional e afetivo.

O estudo dessa natureza psicológica, representacional, afetiva da constituição da pessoa, foi muito bem demarcado por Wallon ao defender o indivíduo como um conjunto de sua constituição psíquica e de sua base social. No jogo da contradição entre esses elementos, a pessoa constitui-se como ser social que interfere no processo histórico a partir de sua constituição psicogenética. A sociedade é dinâmica justamente por dinâmicas serem as interações psicogenéticas da pessoa. Esse jogo contraditório entre o aspecto psicogenético e o aspecto social demonstra – ainda que setores conservadores da sociedade tentem comprovar o contrário – a atualidade do marxismo e do materialismo dialético, bases epistemológicas bem presentes no cotidiano dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

- BAZZANELLA, S. Os pressupostos da filosofia política de Slavoj Žižek. In: GUERRA, E. O.; TELES, I. (org.). *Lacunae do real: leituras de Slavoj Žižek*. Florianópolis: Nefipo, 2009.
- BRAIDA, C. R. Apresentação. In: SCHLEIERMACHER, F. D. E. *Hermenêutica: arte e técnica da interpretação*. Petrópolis: Vozes, [1995] 2010.
- BRITO, E. O. Consciência histórica e hermenêutica: considerações de Gadamer acerca da teoria da história de Dilthey. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, n. 28, v. 2, 149-160, 2005.
- DILTHEY, W. *Introdução às ciências humanas*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1883] 2010.
- GADAMER, H. G. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- KOSIK, K. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.
- MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, [1933] 2008.
- SCHLEIERMACHER, F. D. E. *Hermenêutica: arte e técnica da interpretação*. Petrópolis: Vozes, [1829] 2010.
- TEIXEIRA, E. S. *Bases teórico-metodológicas da psicologia histórico-cultural: uma breve introdução*. Pato Branco: Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2006.
- WALLON, H. *A evolução psicológica da criança*. Petrópolis: Vozes, [1941] 2007.
- WALLON, H. *Do ato ao pensamento*. Petrópolis: Vozes, [1942] 2008.
- WALLON, H. Psicologia e materialismo dialético. In: WALLON, H. *Objectivos e métodos da psicologia*. Lisboa: Editorial Estampa, [1951] 1973.
- ŽIŽEK, S. *A visão em paralaxe*. São Paulo: Boitempo, 2011.